A título de memória: uma reflexão sobre o Maio 68 e seus efeitos de "brecha" e "subsolo"

Telenia Hill

Escola de Comunicação – UFRJ – Pesquisadora

Resumo

Refletir sobre o Maio 68, na França e no Brasil, e a conseqüente repercussão na sociedade, é reconhecer, na manifestação desse e de outros movimentos (revolucionários, políticos e sociais) sua importância como sintoma e estímulo: sintoma de que a humanidade não se encontra, ainda, totalmente "adormecida" e alienada dos problemas que a impedem de se exercer como latência de fraternização; e estímulo à conscientização do desempenho do homem na sociedade, como ser singular e plural. Dá-se conta de que há uma noite sob a sociedade, onde "poderes organizados" atuam como ameaças diversas: econômica, de corrupção, gerando fome e violência; de degradação ecológica crescente; de barbárie técnica, apesar de se reconhecerem alguns de seus pontos positivos; e, para culminar, de guerras, sejam elas nucleares ou não.

Palavras-chave: França, Brasil, revolução-juventude, sociedade, poder

XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres

Crítica e ensaísta. Mestre em Lingüística, Doutora em Letras pela UFRJ e Pós-Doutora em Ciências Sociais e Humanas pela Sorbonne. Pesquisadora e Consultora ad hoc da CAPES. Agraciada com os prêmios Sílvio Romero e Assis Chateaubriand pela ABL. Tem colaborado nas revistas *Colóquio-Letras*, Lisboa, *Sociétés*, Paris, *Cahiers de l'Imaginaire*, Paris/Montpellier, *Taíra*, Grenoble, e no *Proceedings of Brasa Conference*, Washington. Autora de *Perspectivas*, em colaboração, *O trajeto da imanência, L'homme dans la modernité: une historie de mythes.*

Motivada pelo tema do Congresso Pesquisa e Ensino, remeti-me a uma reflexão sobre a repercussão, nos dias de hoje, do movimento estudantil de maio 68 que, como afirma Edgar Morin, "introduziu no mundo moderno, nos países prósperos, fermentos tradicionais de contestação, que trabalhando o terreno novo (...) vão acelerar as mutações dos séculos XX e XXI (...)".

Optei por focalizar o maio 68 na França e no Brasil, dada a coincidência cronológica, a insubmissão da juventude e da classe estudantil, e o grande grito pela liberdade.

Falando-se do *status quo* dos dois países, pode-se dizer que as causas primeiras da insurreição diferem: no Brasil, os indícios são de que foi eminentemente política, sem grandes resultados sociais, enquanto que na França a importância desses dois aspectos resultou inversa, mais social.

Participantes de uma sociedade mais organizada e mais desenvolvida, era menos difícil para os estudantes franceses situar o motivo de sua revolta e falar por uma mesma voz. A revolta se submetia a dois tipos de interpretação: uma, com respeito aos círculos oficiais da administração e da Universidade, quer buscar a causa do mal-estar estudantil no arcaísmo semi-feudal da sociedade professoral, na vetustez e nos atrasos da Universidade; e a outra, ao contrário, não propriamente relativa à vontade dos estudantes de adaptar a Universidade à vida moderna, mas a respeito da recusa da vida burguesa, considerada mesquinha, medíocre, reprimida, opressiva; não vagamente a respeito da procura de carreiras profissionais, mas relativa ao desprezo pelas carreiras técnicas; não por causa da vontade de se integrar o mais rapidamente possível na vida adulta, mas atendendo a uma revolta calcada na contestação global de uma sociedade adulterada.

Desde alguns anos a proposta de uma modernização do ensino caminhava a passos bem lentos. Os estudantes contestavam a substância e o conteúdo do ensino universitário, denunciando certas reformas que se revestiam de alguma mistificação, através das quais, segundo eles, se propunha uma ciência neutra, vazia ideologicamente. Os estudantes procuravam manifestar suas opiniões por meio de atitudes acompanhadas sempre da ação, direta e oportuna.

Os observadores críticos do movimento atestam que a estratégia do contato das direções sindicais é completamente diferente da dos estudantes, denunciando uma certa rigidez de atitude.

"Em maio 68 na França, o proletariado industrial não foi a vanguarda revolucionária da sociedade, mas, pelo contrário, se caracterizou como a retaguarda. Se o movimento estudantil

partiu efetivamente da superação das idéias vigentes, o proletariado se caracterizou pela passividade relativamente a seus dirigentes e ao regime, pela sua inércia e indiferença no que tocava a tudo que não era reivindicação econômica. [1]

O mito da sociedade de consumo desempenhou sua função junto à classe trabalhadora, cujo objetivo era simplesmente melhorar a condição econômica em que se encontravam.

Na sociedade brasileira, o descontentamento com as autoridades governamentais era notório. Mas a revolta só atinge o ponto de ruptura um mês depois, naqueles citados dias de junho. Num clima complexo, a morte do estudante Edson Luiz por ocasião dos conflitos acirrou os ânimos da população. Assistiu-se a uma repressão violenta que teve lugar quando se celebrava a missa de sétimo dia da morte do estudante, à porta da igreja da Candelária, um dos principais templos católicos da cidade do Rio de Janeiro.

Confrontando a ação dos estudantes franceses e a dos brasileiros, Zuenir Ventura, autor do livro *1968: o ano que não terminou* [2], afirmou que "os estudantes brasileiros eram mais agressivos, mais ousados do que os estudantes franceses. Enquanto se virava Paris pelo avesso, Cohen-Bendit, o líder, se perfilava diante de seus professores e dizia: *Oui, Monsieur Professeur*.

Se se procura fazer um pequeno balanço da situação da educação brasileira daquela época, vê-se que os estudantes tinham muitos motivos para se rebelar, no sentido em que, a partir de 1964, a Universidade tinha entrado em decadência. Queria-se buscar uma reforma para abolir a Universidade pública, quase gratuita, de acordo com as pressões do regime e do modelo econômico adotado. O processo tinha já começado nos anos anteriores, sob a imposição de pagamento de anuidades, a proscrição da UNE (União Nacional dos Estudantes) e da UME (União Metropolitana dos Estudantes), e a repressão nas escolas. Paralisaram-se cursos, fecharam-se laboratórios, e os salários de professores e funcionários encontravam-se em atraso. Fizeram circular rumores segundo os quais alguns professores seriam afastados sob a acusação de subversão. Essa situação sensibilizou até mesmo estudantes que eram considerados alienados.

1.MORIN, E et alii (1988). p. 124

2. VENTURA, Z. (1988). p. 156

Uma grande característica cultural da geração estudantil de 68, no Brasil, era o gosto de ler. Aqueles capazes de um interesse especial pela política – os que freqüentavam os melhores colégios e que tinham sensibilidade mais apurada – se debruçavam sobre leituras como *A história da riqueza do homem*, de Leo Huberman; *O capital*, de Marx, ou os textos de Mao Tsé Tung.

Havia a esperança de que, com o desenvolvimento, males brasileiros, como o da educação, o da saúde, ou da sobrevivência em geral, se atenuariam. Entretanto, o país se desenvolvia e os pobres permaneciam como antes; o poder de compra dos trabalhadores vinha baixando desde 1964, o ano do golpe militar, enquanto que uma minoria privilegiada se tornava cada vez mais abastada.

"Com a violência do regime militar, a questão social do Brasil se exacerbava. Esta não era um problema de subdesenvolvimento, era o resultado de um sistema, um modelo de economia e de sociedade, imposto pela força." [3]

Os escritores de esquerda tinham a preferência dos estudantes e a editora Civilização Brasileira ousava trazer a lume *O capital* ao lado de obras como a tradução brasileira do *Ulisses*, de James Joyce. Como registra Zuenir Ventura, a editora fazia alternância entre "um pacote de quatro Norman Mailler" e "a memorável trilogia sobre Trotsky, de Isaac Deutscher". Mesmo Vo Nguyen Giap, "o imbatível general das tropas do Vietnam do Norte", se colocava entre os *best sellers*. [4]

A obra aberta, de Umberto Eco, viria mudar e amplificar a recepção da obra de arte e pôr em evidência o atributo inalienável da arte – a ambigüidade. Aceitava-se também, além do texto escrito, o texto pictórico e o texto cinematográfico. Outros autores bem lidos na época foram Walter Benjamin, Althusser, Hobsbawn, Adorno e Mitchell. Entre os brasileiros estavam Alceu Amoroso Lima, Ferreira Gullar, Paulo Francis, Fernando Henrique Cardoso, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Nelson Werneck Sodré.

Marcuse, o ídolo político da geração de 68, vai esclarecer, no Brasil e em outras partes do mundo, o comportamento dos trabalhadores diante do capitalismo, que se mascarava sob a aparência do bem-estar.

3. MORIN, E. et alii (1988). p. 30

4.VENTURA, Z. (1988). p. 42

Entre os intelectuais e os estudantes, pelo menos na França e no Brasil, pôde-se atestar a polarização de opiniões. No Brasil pôde-se acompanhar a polêmica jornalística entre Tristão de Ataíde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima), progressista, e Gustavo Corção, reacionário,

sucedendo aquela que, na França, confrontou Sartre e Raymond Aron. É evidente que os jovens brasileiros e franceses, na sua maior parte, preferiam estar com Ataíde ou Sartre. Lembra-se também com nostalgia o grande sacerdote brasileiro D. Helder Câmara, com o qual se teve oportunidade de fazer acampamentos e reflexões.

Não se pode deixar de fazer referência à chamada "marcha dos cem mil", da qual se participou. Em vista das múltiplas agressões policiais anteriores e da morte de alguns jovens, o povo do Rio de Janeiro, intelectuais, artistas, religiosos, donas de casa, aderiram aos apelos dos estudantes. Essa era a grande manifestação por aquilo que o povo desejava ansiosamente: a paz e a liberdade. Chegava gente de todos os cantos e invadia o centro da cidade. A maior parte dos componentes da "marcha" pertencia à classe média, e eram as mesmas pessoas que tinham saudado o golpe de 64, com uma outra marcha, a "marcha da família". A classe operária, todavia, estava ausente porque naquele dia as fábricas dos subúrbios e da região do Grande Rio funcionaram normalmente.

O acontecimento foi um sucesso. Mas deixou no ar a grande interrogação: que fazer agora? A marcha não foi senão uma passeata de fachada. Perdeu-se uma oportunidade única que poderia ter mudado o rumo das diretrizes históricas brasileiras.

Uma semana depois, houve uma outra passeata, com os participantes reduzidos à metade, a partir da qual se começou a perceber o relaxamento da solidariedade. O clima de repressão amedrontava as pessoas. E a opressão chega ao paroxismo em 13 de dezembro , dia em que o presidente Costa e Silva decreta o Ato Institucional n. 5.

A vigência do AI - 5 foi longa. A ditadura, que começa a ser menos pesada em 1974, só vai ter fim dez anos depois. Durante vinte anos, aqueles que se apossaram do poder para salvar a pátria quase a destruíram.

Contrariamente ao movimento estudantil brasileiro, o movimento francês foi mais feliz no atingimento de seus objetivos.

Edgar Morin, reconhecendo os paradoxos da história, crê que a explosão revolucionária serviu para aquecer, ampliar e acelerar uma reforma modernizante que abolira a velha sistemática universitária. Parece que, apesar da grande perturbação social e política, esta

reforma não foi somente "tecnocrática,mas também democratizante, pelo alargamento do recrutamento estudantil e pela abolição de todo o poder divino professoral" [5].

A Universidade é o que sustenta a *intelligentsia*, onde se produzem e se reproduzem as estruturas mentais dominantes. Por isso, ela vai exercer, na França, àquela época, uma função de modelo para os outros setores da sociedade.

A desmitificação da Sorbonne provocou uma grande repercussão no meio social mais afastado espacialmente, como nas universidades de província, vários setores intelectuais, pesquisadores científicos, cineastas, escritores, etc.

Com a ajuda da Imprensa, o movimento grevista se amplia e vai atingir a essência paternalista do poder social. Há uma insurreição generalizada, seja na área estudantil, seja em diversos setores de trabalho, ou ainda nos grupos religiosos. Com o fechamento de Nanterre e da Sorbonne, assiste-se ao recrudescimento da agitação da massa juvenil.

A revolta, originariamente estudantil, serviu de detonador para um protesto contra o que a sociedade industrial estava operando com "sua riqueza", "sua técnica" e "sua organização", mascarando a miséria e muitas desigualdades e conflitos. Se não se pode dizer que o movimento de 68 não constituiu, na França, uma crise política ou econômica, ao menos fez vir à tona os contrastes entre uma classe dominante e uma massa explorada e oprimida. É o desmascaramento do mito da racionalidade e dos detentores do poder.

Após o período paroxístico, o movimento perde pouco a pouco o seu vigor. O terrorismo intelectual começa a se instalar: pintores, atores, teatrólogos, escritores e estudantes orientam suas pesquisas para a descoberta de uma arte proletária, estigmatizando a arte, que deve estar a serviço da revolução, ou, por outra, a revolução a serviço da arte.

Se se pensa nas repercussões na linha de Castoriadis, pode-se dizer que, se bem que o movimento não tenha sido totalmente vitorioso, deixou conseqüências positivas; os políticos de esquerda se mostram impotentes diante dos problemas que aparecem; o aparelho do Estado é desmascarado – ele e o sistema social são denunciados, em razão da repressão e de sua absurdidade; viu-se uma total desmoralização das "autoridades" e dos "valores" em todos os níveis; abriu-se uma fenda muito grande no bloco do capitalismo burocrático e não se sabe se ela terá sido restaurada.

As idéias fundamentais que alimentaram o movimento não foram totalmente apagadas; elas perturbam ainda muitas cabeças; formaram-se muitos militantes contra a burocracia; a

5. MORIN, E. et alii (1988). p. 85

classe operária, malgrado a dificuldade de adesão no curso do movimento, "retomou o sentido e a eficácia da luta"; começou-se a conceber a idéia de auto-gestão, cujo germe foi lançado entre os jovens universitários, entre os jovens trabalhadores e, provavelmente, nas fábricas e nas empresas.

Se se faz um balanço das características modernas inseridas no movimento grevista de 68 e que, até hoje, exercem influência sobre o meio, restam no Brasil, infelizmente, amargas lembranças que dificilmente serão esquecidas. Uma reflexão de Mário de Andrade se encaixa à gravidade do momento: "Nós não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas nós podemos servir de lição". O que nos resta, e devemos reconhecer, é que, mesmo através da angústia, viveu-se a experiência do novo e da tentativa de uma ruptura. Na França, ao contrário, apesar do sucesso parcial, o movimento foi regenerador, e constituiu-se numa verdadeira transformação.

A crise humana da burguesia vai deixar uma fissura no tecido social, a qual irá constituir o caminho por onde vão se introduzir os argumentos contrários àquela camada social. O movimento estudantil contribuiu para demonstrar os impasses econômicos. Até aquele momento, se mascarava a destruição dos antigos valores sobre os quais era moldada a burguesia pela "dinâmica econômica da época" e pelo "derramamento dos valores sobre o individualismo privado, o nihilismo" [6]. A decadência dos valores familiares e religiosos que se irá flagelar como provável conseqüência de desordens da alma e da consciência, vai fazer surgir uma sociedade sobretudo indiferente, anônima e cibernética, que irá constituir uma comunidade muito frágil.

"O lance político introduziu então no mundo moderno, nos países prósperos, fermentos tradicionais de contestação, que, trabalhando o terreno novo, aí se modificando e o modificando, vão acelerar as mutações dos séculos XX e XXI (...)".[7]

Se Morin fala de "fermentos tradicionais de contestação", Castoriadis sublinha que o homem moderno é um homem em estado de estudante. Esses estudantes representam uma revolução antecipada no sentido que ela pré-anuncia "o que poderá ser", "o que deverá ser", um dia, "a revolução contra a sociedade moderna".

Lembremos ainda uma vez que o fermento da "crise" é a juventude estudantil (universitários e ginasianos), a juventude operária, os jovens professores, e algumas outras categorias intelectuais. Mas Castoriadis se pergunta se essas camadas sociais, "mesmo

6. Ibidem. p. 87

7. Ibidem. p. 141

estendidas a todas as camadas modernas, em uma situação comparável, poderão esempenhar essa função (isto é, a função que lhes vai ser destinada). Não encontrarão elas, cedo ou tarde, uma contradição simétrica àquela que o operariado encontrou? Podem elas, dizendo de outra maneira, escapar duravelmente ao império da cultura onde nascem? Têm elas o peso suficiente, a coesão suficiente para desempenhar uma função histórica? Esse peso poderá ser adquirido por uma junção – que parece hoje muito mais difícil do que no passado – com os trabalhadores braçais?

Eis questões muito importantes que, em vez de serem respondidas, deverão funcionar como provocações ao pensamento e à reflexão sobre a história; esta, ao mesmo tempo que registra o passado, indica a senda do futuro, em função do presente que está sempre passando. Esses três estágios serão os elementos que irão constituir a conjuntura social, intransponível pelo homem.

Seguindo as linhas de pensamento delineadas anteriormente, e procurando, tanto quanto possível, abstrair o estudo dos locais onde o movimento ocorreu, continuar-se-á com os enfoques reflexivos de Morin e de Castoriadis.

Buscando flagar as conseqüências do maio 68 nos dias de hoje, Morin chama a atenção para dois pontos importantes: o primeiro é que nada mudou na superfície, mas a partir daquela data passou-se a sublinhar a consciência de que se carece, na sociedade, de um embasamento seguro. Dá-se conta de que "há uma noite sob a sociedade". Marca-se o fim do mito eufórico de uma sociedade industrial racional, que teria competência para solucionar os problemas da humanidade. A fragilidade do subsolo tem sido alimentada pelas ameaças diversas que agem sobre o mundo, sobre a humanidade; não são ameaças apenas econômicas, mas de fome, degradação ecológica, de barbárie técnica e, evidentemente, de guerra, nuclear ou não. Tem-se a sensação difusa de que a vida do dia-a-dia tem algo de minado, de frágil. O segundo ponto importante, cuja transformação se fez sentir, Morin já registra em seu livro *O espírito do tempo*, publicado em 1952, onde ele estuda a cultura industrializada, a cultura dos midia, a cultura de massa, e, por meio da qual, de alguma maneira, a mitologia do indivíduo hedonista na sociedade burguesa, urbana, contemporânea. Se se estabelecer um confronto entre o ante e o pós-68, observa-se que um clima de euforia vai ceder lugar a uma percepção realística que não acolhe o *happy end*. A solidão e a velhice são temas que merecem reflexão.

Para Morin, Maio 68 é, ao mesmo tempo, "comunitário e libertário". Ao fracassarem o mito da revolução e a contra-cultura, o libertarismo pode derivar no liberalismo econômico ou se arvorar em liberalismo político. A partir daí, conscientiza-se que o individualismo hedonista é

mais a conseqüência do fracasso ou do colapso dos mitos de Maio do que o motor secreto desses mitos.

Morin se diz condenado a uma certa esquizofrenia partidária, ou, seja, a aceitar uma complementaridade dialógica entre as duas atitudes, do momento em que permanece direitista e esquerdista. Deste último ponto de vista, mantém-se muito presente a idéia de que é necessária uma grande transformação nas relações humanas, entre as nações, entre as sociedades, no interior dos grupos, entre si e o outro, entre si e si mesmo. Não sabendo como realizar essa transformação de imediato, ele se inclina por salvaguardar os valores "direitistas" de liberdade e democracia. Que se coloque a palavra revolução em repouso, fazendo a assepsia da poluição a que esteve sujeita. Ratifica-se que o essencial de Maio é o seu núcleo inventivo, ardente, libertário-comunitário. Mas é preciso tudo ver e reconhecer tudo o que de contrário existe: ao lado da invenção de fórmulas, o retorno a algo postiço. Marca-se a existência da genialidade e do cretinismo.

Finalmente, Morin crê que se coloca o problema do fraternalismo, no qual ele acredita, imbuído de suas diferentes formas. É preciso estar sempre revendo a revisão. Com respeito à Revolução Francesa, por exemplo, a visão que dela se tem se transforma ininterruptamente, em função das experiências vividas pelas gerações que se sucedem. E isso, também, acontece com o Maio 68, cuja complexidade funciona como estímulo a uma continuada reflexão.

Castoriadis afirma que, com e por meio do movimento de maio teve lugar uma significativa ressocialização, apesar de passageira. As pessoas eram movidas pelo mesmo sentimento: "negativamente, uma imensa recusa da futilidade vazia e da ignorância pomposa, que caracterizavam, então, o regime *gauliste* como o regime *mitterand-chiraqueano*; positivamente, o desejo de uma maior liberdade para cada um e para todos"[8]. Malgrado não terem encontrado formas instituídas que encarnassem permanentemente suas aspirações, uma vez que se constituíram em minoria, os participantes do Movimento buscavam a verdade, a justiça, a liberdade e a vida comunitária. Ainda segundo Castoriadis e outros autores, a minoria de Maio, quer na França, quer no Brasil, poderia transformar-se em maioria se tivesse ido além da proclamação e da manifestação. Se se

modificação dos acordos de Grenelle. O francês da classe média pôde, de novo, em *seu* carro, com *sua* família, dirigir-se à *sua* casa de campo ou ao seu ponto preferido de pique-

nique. Isto colaborou para que o governo tivesse nas eleições 60% a seu favor.

8. MORIN, E. et alii. p. 186

Castoriadis, ao registrar as modificações consideráveis que se flagraram, inclusive na instituição social, introduzidas pelos movimentos dos anos 60 – 70, procura autonomizá-las, dissociando-as do individualismo que, segundo alguns teóricos, se constituiu como o fator decisivo dos acontecimentos pós-68.

Eis algumas questões por ele propostas [9]:

Foi porque a sociedade evoluiu da maneira como ela o fez que a liberdade da contracepção ou do aborto desequilibraram os pratos da balança da autonomia dos assuntos em direção ao hedonismo sem princípios?

Os movimentos dos anos 60 não tiveram, então, nada a ver com as modificações das relações entre pais e filhos ou entre os sexos – ou ainda seria preciso ver nelas "a vitória da razão produtivista", ou, seja, a da "lei do objeto mercadoria" e da "ideologia capitalista"?

Que os negros nos Estados Unidos tenham podido afrouxar um pouco a discriminação social que eles sofriam, isto não teria interesse do ponto de vista da autonomia individual e social?

E a retomada da questão dos conteúdos e das formas tradicionais do ensino como a da relação professor - aluno, com as devidas conseqüências se fazem sentir na realidade quotidiana. Por que ela passa totalmente em silêncio?

Seria cabível aceitar, já em 1964, face aos primeiros sinais de descontentamento estudantil, que ninguém deveria pôr em questão o conteúdo do ensino (ou de sua estrutura), uma vez que este tem por função transmitir saber científico e objetivo?

Seria necessário que alguém contestasse, com argumentos racionais, o direito dos alunos de colocar, com capacidade, a questão: Por que e em que o que você (professor) nos ensina é, obrigatoriamente, interessante ou importante?

nique. Isto colaborou para que o governo tivesse nas eleições 60% a seu favor.

Registra-se ainda que seria de bom alvitre que alguém fosse capaz de refutar que a verdadeira educação consiste também em levar os alunos a terem a coragem e a capacidade de colocar questões relativas a esse assunto e argumentá-las. E que, também, na França,

não foram os movimentos dos anos 60, mas as sucessivas reformas pedagógicas que conscientizaram a sociedade para essas questões.

O obscurecimento do sujeito e a morte do homem circulavam desde alguns anos atrás, influindo sobre o conceito da morte da política, como Foucault explicita pouco depois de

9. Ibidem. p. 188 e 189

maio 68. Tudo isso, também, era incompatível com as causas defendidas pelos participantes dos movimentos dos anos 60, aí incluído o Maio 68.

Os primeiros atestados das diferentes mortes do sujeito, do homem, do sentido, ou da significação, da história, etc., foram lançados bastante tempo antes de 68, por uma corrente teórica de investigação interdisciplinar, o estruturalismo. Os que viveram nesta época podem testemunhar a oposição que fizeram a esta corrente os que militavam, nos inícios dos anos 60, em atividades que mantinham contato com os meios universitários e estudantis. O que lhes interessava era a crítica da ordem estabelecida, as célebres invocações da imaginação, certamente as apologias da liberdade e do "gozo", mas sobretudo do socialismo e de uma nova ordem social.

A capitulação frente ao bem-estar e à ascensão social burgueses mina algumas posturas do passado em prol do Movimento. Antes de se voltarem para seus interesses, *suas* casas de veraneio, ou mesmo *sua* vida privada, essas pessoas precisavam recorrer a um mínimo de justificação ideológica, em vista do que tinham defendido politicamente.

Segundo Castoriadis, o pensamento 68 é, então, o pensamento anti-68, o pensamento que constituiu seu sucesso de massa sobre as ruínas do Movimento e em função de seu fracasso. "E os teóricos que nortearam esse pensamento foram os da impotência do homem diante de suas próprias criações; e é o sentimento de impotência, de desencorajamento, de fadiga que eles vieram legitimar, após 68" [10]

O que Maio 68 e os outros movimentos dos anos 60 evidenciaram foi a força e a persistência da autonomia, traduzida, ao mesmo tempo, pela recusa do mundo capitalista-burocrático e pela novidade e praticidade das idéias inventadas ou propagadas por esses movimentos. Mas, contraditoriamente, testemunhou-se, mais uma vez, a dimensão de *fracasso*, de certa forma sempre presente nos movimentos políticos modernos. Registra-se a enorme dificuldade de preservar positivamente na crítica ao *status quo* e, também, de atingir a meta de uma autonomia que seja, ao mesmo tempo, individual e coletiva.

Em sua maioria, os movimentos político-sociais desembocam na instituição formal de certos direitos, liberdades, grantias sob as quais se vive, deixando, entretanto, de maneira informal, traços profundos na mentalidade e na vida efetivas das sociedades. Tal foi o caso dos movimentos dos anos 60, em que se detecta uma situação que se liga ao caráter antinômico do imaginário político moderno. Este é, de uma parte, o trabalho pela aspiração à autonomia e à sua extensão successiva nos diferentes campos da instituição

10. Ibidem. p. 195

social; de outra parte, ele só chega, muito raramente e com brevidade, a se libertar da representação da política e da instituição, uma vez que se constitui como feudo exclusivo do Estado, que ainda encarna, até nas sociedades mais modernas, a figura de um poder de direito divino, como se só a ele próprio pertencesse. Em vista disso, na modernidade, a política como atividade coletiva e não como profissão especializada só tem um nome: Revolução. Ela só poderá estar presente como "espasmo e paroxismo", "acesso de febre", "de entusiasmo e raiva", "reação ao excesso de um Poder" que é, entretanto, ao mesmo tempo "hostil e inevitável", "inimigo e portador de fatalidade".

O fracasso de Maio 68 e dos movimentos dos anos 60 aponta para as promessas que a época contemporânea contém virtualmente e para a dificuldade que a humanidade enfrenta a fim de sair da idiotia, para se politizar, e decidir efetivamente, o quotidiano, a ocupar-se das causas coletivas.

Há bastantes anos que se assiste à repressão da vida política nas sociedade ocidentais. E o grande sintoma se fez sentir com a dissolução dos movimentos dos anos 60. Tem lugar uma nova era de "burocratização/privatização/mediatização" com a acolhida das tendências políticas autoritárias de um regime liberal/oligárquico.

Fazendo-se um balanço dessa mobilização coletiva desses anos, salienta-se que é graças a ela que a história ocidental atingiu o momento que se está vivendo, que as sociedades avocam para si o direito de ter sedimentado as características e as instituições que as mobilizam, no sentido positivo ou negativo. Em realidade, poderão elas contribuir como ponto de partida para um novo porvir.

A liberdade de um regime político-sócio-cultural não se improvisa, mas se constitui por uma sedimentação de subprodutos de eras anteriores conquistados pelo mesmo ideal. Aí está uma parcela de contribuição dos movimentos dos anos 60 para a contemporaneidade, esperando-se que a humanidade ainda faça melhor. Há, também, aqueles que têm a pretensão de pensar que se vive, enfim, numa forma "acabada" de uma sociedade política e justa, necessitando que se façam, apenas, algumas reformas. Cada um tem o direito de fazer sua escolha diante das opções propostas. Entretanto, não se pode deixar de reconhecer que, através de movimentos anteriores e do de Maio 68, teve-se a possibilidade de asssistir às diversas tentativas de manifestação da existência humana.

Segundo Gilles Châtelet, em reportagem para o *Monde Diplomatique* e publicada no caderno *Mais* do jornal *Folha de São Paulo* de 09.08.98 [11], estão ainda vivas as teses do

11. CHÂTELET, G. (1998). p. 5

filósofo que acendeu o estopim de Maio 68. Considerado, pelo teor de sua obra, "o mestre pensador da nova geração", Marcuse se manteve fiel ao que declarara num passado não muito distante: "Considero-me um incorrigível otimista… Apesar de tudo, não consigo imaginar que o melhor regime capitalista possa durar eternamente". [12]

Châtelet questiona se esse otimismo incorrigível ainda pode funcionar hoje:

"Ou devemos arquivá-lo definitivamente no Arquivo de Bizarrices da História das Idéias como o protótipo da 'geração Marcuse', assim como já se arquivaram os da geração Mitterand, da geração Adidas ou mesmo da geração Clinton? Não seria desesperado recusar o cinismo convencional da pós-modernidade e o desprezo pelos "grandes discursos de emancipação?"

Dando o testemunho de sua vivência nos anos 30, Marcuse registra o confronto direto com o nazismo, o socialismo totalitário e o capitalismo democrático, agentes de articulação do poderio técnico e da dominação política, segundo os quais "a sociedade e a natureza, o espírito e o corpo são mantidos em estado de mobilização permanente". A história se incumbiu de eliminar os dois primeiros. Restou o terceiro, que, de certa forma, se caracteriza por uma tecnologia de persuasão mais sutil.

Fazendo uma significativa referência á "fábrica de consentimento" aperfeiçoada pelos engenheiros americanos dos anos 20, Châtelet afirma que essa tecnologia "conseguiu seviciar aqui e agora, por toda parte e em lugar nenhum, as esferas mais íntimas do ego, até as que implicam a mobilização de massas humanas de vastas dimensões". [13]

Evitar o enfrentamento do problema da mobilidade é capitular às tenologias que o engendram, sejam elas brutais ou sutis. Marcuse antecipa o *status quo* em que nos encontramos, marca da escravização do homem à máquina, apesar de ser ele, de direito, o senhor. A passagem de senhor a escravo impõe o reino de um escravo que escraviza outros e prevê a adesão aos "esquemas de servidão".

Châtelet salienta, ainda, uma Tríplice Aliança, política, econômica e cibernética, capaz de "auto- organizar" os potenciais explosivos das massas humanas de grandes dimensões, e

de configurar a atuação de dois protótipos da pós-modernidade: o "homo economicus" – (…) egoísta e racional, átomo de serviços e consumos, e decidido a otimizar ao máximo

12. Ibidem.

13. Ibidem.

esses bens e serviços; e o "homo communicans", o cidadão termostato, habitante bolha de um espaço ciber-simpático, sem conflitos nem dilemas sociais arcaicos, que se felicita por existir apenas como tênia cibernética sob perfuração de *inputs* e vomitando *ouputs.*

O "pensamento positivo", com plena aceitação, floresce num universo fechado e o empirismo mercantil do "pensamento único" dos anos 80 e 90 se compraz em asseverar que o "mercado somos você e eu, está em qualquer esquina".

O encontro oficializado da Tríplice Aliança com a Contra-Reforma liberal caracteriza o trabalho como mercadoria rara (alheia a qualquer questionamento científico), e torna-se translúcido e passível de reproduzir-se e formalizar-se. Em vez de operários, fala-se de operadores, que *outputam* o trabalho. Esses últimos podem também ser concebidos como unidades básicas de trabalho.

Diante de tal grau de mercantilização e despersonalização do trabalho humano, como se afigura o autêntico legado cultural?

Segundo Bourdieu, costuma-se opor uma "globalização" e um "mundialismo que estariam do lado da potência econômica e comercial, e também do progresso e da modernidade, a um nacionalismo ligado a formas arcaicas de manutenção da soberania. Trata-se na verdade da luta entre uma potência comercial que pretende estender ao universo os interesses particulares do comércio e dos que o dominam e uma resistência cultural, fundada na defesa das obras universais produzidas pela internacional desnacionalizada dos criadores" [14].

Em realidade não está em jogo a defesa do localismo cultural, mas a necessidade da preservação da criatividade do homem, que requer distância dos chamados "novos poderes", potências conjugadas do dinheiro e da mídia.

14. BOURDIEU, P. (1999), p. 8

BIBLIOGRAFIA

1. BOURDEIU, Pierre. Bourdieu desafia a mídia internacional. Supl. Mais: *Folha de São Paulo*. Trad. de Luiz Roberto M. Gonçalves. 17.10.1999
2. CHÂTELET, Gilles. Reler Marcuse para não viver como porcos. Supl. MAIS: *Folha de São Paulo*. Trad. De Luiz Roberto M. Gonçalves. 09.08.98
3. MARCUSE, Herbert. *O homem de uma dimensão, estudos sobre a ideologia da sociedade industrial moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1964
4. ------. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1966
5. MORIN, Edgar. *L'esprit du temps*. Paris, Grasset, 1952
6. ------, LEFORT, C. et CASTORIADIS, C. *Mai 68: La Brèche suivi de vingt ans après*. Bruxelles, Complexe, 1988
7. PIRES, Paulo Roberto et alii. Heranças Maio 68. Caderno Especial: *O Globo*, 09.05.88
8. SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários (Memórias da guerrilha perdida*). 10 ed. São Paulo, Global, 1988
9. VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. 3 ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988